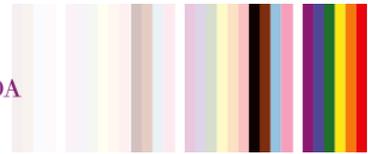




SEMINÁRIO INTERNACIONAL
VIII A ARTE DA
BIBLIOGRAFIA



VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social

EM BUSCA DO LIVRO DE ARTISTA: A MATERIALIDADE, A SIMBOLOGIA E A BIBLIOGRAFIA

SEARCHING FOR THE ARTIST'S BOOK: MATERIALITY, SYMBOLY AND BIBLIOGRAPHY

Carlos Henrique Juvêncio (Universidade Federal Fluminense)

Igor Alves Coelho (Universidade Federal Fluminense)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O livro de artista no cenário atual de acervos nacionais, se lança como um desafio para o olhar da Bibliografia. Neste trabalho, nos propomos a suscitar breves questionamentos sobre esta tipologia e sua importância em diálogo as práticas de estudo e disseminação que se confeccionam sobre o livro. Objetivamos ampliar os diálogos que se constroem e demonstrar a importância do material para o campo. O método utilizado foi a revisão bibliográfica e como resultado apresentamos o potencial do objeto enquanto documento informacional.

Palavras-Chave: Livro de Artista. História do Livro. Bibliografia.

Abstract: The artist's book in the current scenario of national collections is launched as a challenge to the Bibliography's point of view. In this work we propose to raise brief questions about this typology and its importance in dialogue with the study and dissemination practices that are made about the book. We aim to expand the dialogues in development and demonstrate the importance of the material for the field. The chosen method was a literature review and as a result we present the potential of the object as an informational document.

Keywords: Artist's Books. Book History. Bibliography

1 INTRODUÇÃO

Assim como as próprias definições de termos que permeiam os fazeres básicos das áreas do campo da Informação (Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Ciência da Informação, Documentação, Bibliografia, etc.), tais como conhecimento, informação, documento, entre outros, sofrem alterações de tempos em tempos, a forma prima de seus objetos de produção e disseminação também se tornam transponíveis e maleáveis, levando a identificação e/ou criação de novos formatos e questionamentos. Cria-se assim uma espécie de ciclo de adaptação influenciado por recortes de espaço, tempo e tecnologia.

Mesmo com mais de 300 mil anos de existência da humanidade e de milênios de seus registros, até os dias atuais uma pergunta, que ao primeiro momento aparenta ser simples, perpassa a construção de um desses objetos. Um questionamento de tal complexidade que até hoje não encontra em si uma resposta única: o que é um livro?

Pois bem, não se visa aqui esclarecer ou fornecer um significado que clareie esta pergunta, muito pelo contrário, nos propomos a apresentar um outro olhar sobre o objeto múltiplo que ele se constitui. Nascido de parâmetros/inspirações em consonância com o universo das artes, o livro de artista amplia o questionamento sobre o formato livro e o torna mais provocativo ainda.

Composições materiais que se utilizam do suporte ou ideia do livro para criar obras de arte de teor reprodutivo, esse é o livro de artista, havendo exceções, que conferem uma ampla possibilidade e facilidade no que diz respeito ao acesso à arte e à disseminação da informação em arte (COELHO, 2019). Estes materiais variam em suas subcategorias tipológicas, e acabam por caminhar entre estar mais próximas à ideia física de livro, comum ao imaginário popular como formato livro, até o de uma identidade mais escultórica.

O 'formato livro' é, então, o 'formato do livro dobrado', hoje usualmente chamado de livro impresso (embora possa ser produzido por técnicas artesanais, por exemplo), mas o 'objeto livro' remete a algo mais complexo, correspondente a uma categoria tipológica de objetos de fins comunicacionais, seja em páginas dobradas, seja em tela (ORTEGA; TOLENTINO, 2020, p. 7).

Pois então a ideia e/ou concepção do livro de artista estaria com sua provocação em relação ao questionamento suscitado anteriormente (O que é um livro?) dentro desta percepção do objeto livro, já que o formato livro é transformado e desafiado pelo mesmo.

Mas afinal, como levantar informações, dados e falar em bibliografias sobre estes materiais se seus conceitos, ideias e suas formas básicas ainda são pouco conhecidas tanto pelo público geral como por profissionais do campo da informação? As instituições, aqui com enfoque nacional, não identificam estes objetos em suas coleções por falta de conhecimento prévio sobre sua existência ou pela real ausência de materiais que se enquadrem na categoria dentro de seus acervos?

Os objetos em si pelo seu grande teor volátil e as produções de estudiosos que se debruçam sobre o tema, não facilitam o entendimento. Não há uma relação de conformidade sobre os materiais em seus aspectos mais básicos, como seu conceito e subcategorias tipológicas.

A identificação de um livro de artista pode ser tarefa bastante complexa, que varia de acordo com as definições de cada teórico. A abrangência do conceito de livro de artista varia muito de um teórico para outro e o que é considerado livro de artista para um, não necessariamente será considerado para o outro. Há ainda as divergências tipológicas. Cada teórico cria suas subcategorias de livro de artista [...]; elas variam em suas nomenclaturas e definições (BARBOZA; SALDANHA, 2018, p.187-188).

O livro de artista, portanto, desafia a tradição bibliográfica e se posiciona como um objeto informacional polissêmico e de difícil categorização. Será ele um objeto de museu? De biblioteca? Ele é um livro? Ou ele perverte a lógica do livro?

De fato, é importante apresentar tais considerações tendo em vista que eles já povoam os acervos de diversas instituições. Um levantamento preliminar local (no estado do Rio de Janeiro) indica sua presença na Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional (BN), na Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte do Rio (MAR), na Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ), na Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), na Biblioteca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM RJ), entre outros locais. Aparecendo não só em acervos especializados em Arte como também em acervos de teor mais abrangente, em bibliotecas universitárias e públicas.

Nosso objetivo com este trabalho é lançar luz sobre a necessidade de compressão no campo bibliográfico do que seja um livro de artista para que a sua identificação facilite a sua descrição e consequente representação nos mais variados tipos de catálogos, bibliografias e outras fontes de informação.

O referencial teórico baseia-se em revisão bibliográfica tendo como foco o livro de artista (BARBOSA, SALDANHA, 2018; PLAZA, 1982a, 1982b; SILVEIRA, 2008) e a sua relação

com a bibliografia material (BALSAMO, [200-]; REYS GÓMEZ, 2010; GUILD, 1876). A partir dos olhares que constituem estes materiais, são apresentados autores das áreas da informação e autores da área das artes, além dos que caminham entre os dois na tentativa de suscitar conformidades para o estudo destes objetos.

A conceituação do livro de artista é de suma importância no seu teor documental, uma vez que é mais um elemento para refletir o quanto o termo controle bibliográfico é mais excludente do que inclusivo, seguindo a linha de pensamento de Duarte e Juvêncio (2020). Logo, ao levantarmos aspectos relativos à identificação do Livro de Artista contribuimos com a ampliação da noção de documento, tão cara ao campo informacional.

2 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Juvêncio (2021), parafraseando as ideais de Otlet sobre os aspectos que fazem parte de um livro e o conferem essência, nos apresenta entre outras características a elencada sob o nome de **novidade**, onde “o livro deve se prestar às transformações que a época pede, nesse sentido, se tornar visual e/ou sonoro [...], já evidenciando a sua visão pioneira para o futuro do livro e das tecnologias em nossa sociedade” (JUVÊNCIO, 2021). Visão futura esta que hoje pode ser observada nos Livros de Artista, obras que se compõe em sua maioria com a ausência de características que remetem ao formato livro, ou que sua aura de criação o referencia através da mímica, da sátira, mas mesmo assim sem deixar de ser livro, já que:

Buscando desconstruir para construir, temos o que segue. Aquilo a que denominamos livro não se caracteriza por um suporte material em particular (como papel ou qualquer outro), nem se define pelo formato de folhas dobradas. Deste modo, mudança de suporte e de formato não são indicativos do fim dos tempos do objeto livro, pois não configuram alteração de tipologia documental, que é o que caracteriza o livro (ORTEGA; TOLENTINO, 2020, p.12).

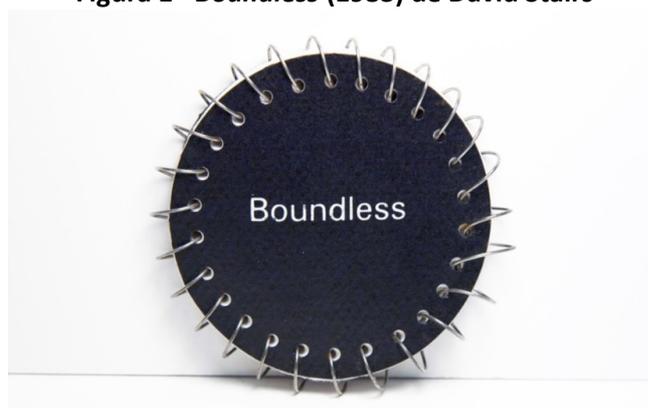
Se o livro aqui é entendido para além de cadernos costurados e folhas dobradas, as diferentes subcategorias do Livro de Artista que fogem a esse padrão não o desconfiguram como tal, como livro. Já que “O livro de artista é uma categoria (ou prática) artística que desenvolve tanto a experimentação das linguagens visuais como a experimentação das possibilidades expressivas dos elementos constituintes do livro ele mesmo” (SILVEIRA, 2008, p. 77).

Inúmeras são estas categorias, e variam de autor para autor sem que haja uma definição absoluta (BARBOZA; SALDANHA, 2018), um outro fato é que as categorias não são

excludentes entre si, podendo um mesmo objeto ser alocado em mais de um lugar ao mesmo tempo. A partir das divisões categóricas apresentadas em Plaza (1982a, 1982b) e em Coelho (2019), podemos destacar como as mais provocantes, no que tange este afastamento do modelo tradicional de livro, as categorias: livro-objeto e antilivro.

O livro objeto (figura 1), por exemplo, transporta o significado que estaria presente na escrita para o seu conteúdo total em sua forma. A exemplo temos a obra *Boundless* (1983), em tradução livre sem limites/ilimitado, que instiga a curiosidade pela sua impossibilidade de acesso, já que para conhecer o conteúdo da obra seria necessário danificá-la (se é que há de fato algum conteúdo em seu interior além de folhas em branco). Além disso perverte a ideia do livro de ser acessível, colocando em xeque o seu formato, a sua missão social e o seu conceito.

Figura 1 - *Boundless* (1983) de David Stairs



Fonte: MCAD LIBRARY (2005)

O antilivro (figura 2), por sua vez, trabalha com o livro enquanto matéria prima, se apropriando dele com intervenções de corte, costura, desenho, pintura, entre muitas outras. Para alguns, o antilivro é visto como um objeto quase que profano, por, de certa forma, danificar um livro no processo de criação para um novo olhar. Para Plaza trata-se de uma “perversão sobre o livro” (PLAZA, 1982b, n. p.). Já segundo Coelho (2019, p. 35).

Para alguns, principalmente muitos bibliotecários, o antilivro é uma heresia ao sagrado matrimônio entre a página e a informação contida nela, porém, é preciso lembrar que neste momento o livro é primeiramente usado como matéria prima colocando como póstuma a sua primeira natureza existencial de criação, o seu primeiro ideal como suporte. O antilivro carrega muito mais que um vandalismo sobre a página ou sobre seu corpo, ideia propagada por alguns, mas sim uma resignificação dentro de um novo contexto, um novo corpo. O livro não é abusado ou destruído, ele apenas se transforma a um novo propósito, uma nova codificação.

O livro de artista se instala no universo documental enquanto uma obra de arte, com teor informacional inegável, já que serve como instrumento de disseminação plural através de sua reprodução sem perda de originalidade, fator esse que é negado na “arte tradicional” de quadros, esculturas, etc. Além de, ser um objeto extremamente provocativo e instigante no que tange os limiares do ser livro e suas possibilidades de criação. O livro de artista é uma experiência visual e sensorial que nos instiga a pensar o além livro, suas perspectivas e as barreiras que ainda podem ser rompidas sobre um objeto que se configura como documento há tantas décadas.

Figura 2 - *Bible Grenade* ([20--]) de Robert The



Fonte: THE ([20--])

Sendo o Livro de Artista uma tipologia recente no cenário documental, se afirmando enquanto objeto em torno da década de 1960, seus estudos e análises ainda se encontram difusos e em poucas quantidades no que tange assuntos como seu tratamento técnico, catalogação, preservação, e disseminação de existência deste material.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro é influenciado pelas características do espaço e tempo em que se constrói. As mudanças sociais e os aspectos tecnológicos que permeiam um recorte temporal de uma sociedade, influenciam as mudanças na composição e na ideia básica do que é ou pode vir a ser um livro. O livro acompanha a humanidade há muitos séculos, porém, assim como a evolução genética se baseia em variações que tornam uma espécie mais forte e a tornam mais propícia a se manter viva ao tempo, o livro se comporta como um organismo com suas próprias mudanças e adaptações que o fazem ser um material volátil e perpétuo, assumindo novas formas e facetas, para que como a própria humanidade, possa sobreviver às evoluções que se implicam.

Busca-se com este trabalho suscitar e ampliar estudos que envolvam a temática dos livros de artista, sua identidade e propagação de seus conceitos e métodos de fazer (ou ausência de modos predeterminados). Assim como, a busca por sua disseminação enquanto objeto documentário e obra de arte de teor reprodutivo, além de sua identificação e diferenciação contribuir para a bibliografia material, no sentido do alargamento da compreensão do que seja um livro e seu entendimento como expressão humana.

É importante frisar que o livro de artista pode cumprir um importante papel social ao ser mais um objeto de extremo potencial com relação a um facilitador de acesso e contato com o universo das artes pelo grande público. Um livro de artista não está restrito a uma parede ou expositor de museu, e nem está preso a uma existência única de um determinado local do planeta (salvo exceções). Um livro de artista está em vários locais, em museus, bibliotecas, inclusive em acervos pessoais e até mesmo ao alcance de uma compra facilitada pela internet. A sua possibilidade de ser lançado em diferentes exemplares e de até mesmo diferentes edições, sem a perda da sua originalidade, lhe confere um papel catalisador e mais uma quebra de barreiras no acesso à arte.

REFERÊNCIAS

BALSAMO, Luigi. La bibliografía: historia de una tradición. Gijón: Trea, [200-].

BARBOZA, A. A. S.; SALDANHA, G. S. O livro de artista, o colecionador e a coleção no museu: um itinerário intersubjetivo da coleção de livros de artista de Paulo Herkenhoff no museu de arte do rio. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 8, n. 2, 2017. DOI:10.11606/issn.2178-2075.v8i2p176-191. DOI:10.11606/issn.2178-2075.v8i2p176-191.

COELHO, Igor Alves. **Primeira página**: um olhar biblioteconômico sobre o livro de artista. 2019. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Documentação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

DUARTE, B. ; JUVÊNCIO, Carlos H. . Controle Bibliográfico, uma revisão necessária?: o universo documental e a questão terminológica. **Encontros Bibli (UFSC)**, v. 25, p. 1-12, 2020.

GUILD, Reuben A.. A bibliografia como ciência. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte (MG), v. 22, número especial, p. 199-202, jul. 2017

JUVÊNCIO, Carlos H.. Arquitetura das ideias: Paul Otlet, o objeto, o livro e o documento. **Encontros Bibli (UFSC)**, v. 26, p. 1-17, 2021.

MCAD LIBRARY. "**Boundless**" by David Stairs. 2005. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/69184488@N06/6887466999/in/photostream/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social

São Carlos, SP • 9 e 10 de dezembro de 2021

ORTEGA, C. D.; TOLENTINO, V. de S. O livro: do objeto ao documento na prática bibliográfica. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 25, n. Especial, p. 01-22, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e73474. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73474>. Acesso em: 6 set. 2021.

PLAZA, J. O livro como forma de arte (I). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 6, 1982a, Sem paginação. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_artel.pdf. Acesso em: 28 nov. 2018.

PLAZA, J.. O livro como forma de arte (II). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 7, 1982b. Sem paginação. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_artell.pdf. Acesso em: 29 set. 2018.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. Manual de bibliografia. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. 319 p.

THE, Robert. **Robert The**: bookguns. [s.d]. Disponível em: <https://www.bookgun.com/>. Acesso em: 09 set. 2021.